



Graciela Chailloux Laffita e a fortuna crítica, autônoma e revolucionária do pensamento econômico e social caribenho (Entrevista)¹

Cristiane Luíza Sabino de Souza²
Paulo Gabriel Franco dos Santos³

Resumo

Trata-se de entrevista com a intelectual cubana Graciela Chailloux Laffita, realizada na Casa de Las Américas. Havana – Cuba, em 06 de julho de 2023.

Palavras-chave: Graciela Chailloux Laffita, Cuba, Caribe.

Graciela Chailloux Laffita y la fortuna crítica, autónoma y revolucionaria del pensamiento económico y social caribeño (Entrevista)

Resumen

Esta es una entrevista a la intelectual cubana Graciela Chailloux Laffita, realizada en la Casa de Las Américas. La Habana – Cuba, a 6 de julio de 2023.

Palabras-clave: Graciela Chailloux Laffita, Cuba, Caribe.

Graciela Chailloux Laffita and the critical, autonomous and revolutionary fortune of Caribbean economic and social thought (Interview)

Abstract

This is an interview with Cuban intellectual Graciela Chailloux Laffita, held at Casa de Las Américas. Havana – Cuba, on July 6, 2023.

Key words: Graciela Chailloux Laffita, Cuba, Caribbean.

¹ Entrevista realizada na Casa de Las Américas. Havana – Cuba, em 06 de julho de 2023. Realização, tradução e revisão: Cristiane Luiza Sabino de Souza e Paulo Gabriel Franco dos Santos.

² Professora do Departamento de Serviço Social e integrante do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Mestre em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Doutora em Serviço Social pela UFSC. Contato: cristiane.sabino@ufsc.br

³ Professor da Universidade de Brasília (UnB), licenciado (2010) em Física pela Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, mestre (2013) e doutor (2017) em Educação para a Ciência pelo Programa de Pós-graduação em Educação Para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências de Bauru. Desenvolveu estágio pós-doutoral (2023-2024) na Universidad de La Habana, Cuba. Contato: paulosantos@unb.br

Introdução

Em 22 de dezembro de 1961 o líder da Revolução Cubana, Fidel Castro, reuniu uma multidão na *Plaza de la Revolución*, em Havana, para comemorar a conclusão da Campanha de Alfabetização e a erradicação do analfabetismo em Cuba. A Campanha foi uma das iniciativas pioneiras da Cuba pós-revolução, realizada por meio da mobilização de milhares de adolescentes, convertidos em *jovens maestros* para alfabetizar a população cubana, até então com altas taxas de analfabetismo. Agrupados nas brigadas Conrado Benítez, partiram para o campo, para as fábricas, para todos os rincões cubanos e em poucos meses lograram este feito histórico: livrar Cuba do analfabetismo. E o fizeram através de uma proposta pedagógica e política alinhada aos princípios da Revolução e crucial à sua concretização.

Naquele dezembro, entre os *jovens maestros* recebidos como heróis da pátria por Fidel, estava Graciela Chailloux Laffita. Com apenas 11 anos de idade, havia passado alguns meses no campo, integrada a uma brigada de alfabetização e contribuindo com o avanço da revolução. Esse momento histórico provocou uma conversão drástica nas determinações sobre o curso da vida dos milhões de cubanos e, certamente, na daquela menina - que hoje é essa grande intelectual com quem tivemos a honra de dialogar.

Graciela Chailloux tornou-se historiadora, fez uma profícua carreira docente na Faculdade de Economia da Universidade de Havana, desenvolveu uma extensa produção intelectual, publicada em livros e artigos, viajou como pesquisadora convidada a várias partes do mundo; estabeleceu contato com o *Grupo Nuevo Mundo*⁴ e atuou ativamente para a publicação das elaborações teóricas críticas do Caribe, sobretudo da *Teoría da Plantação*. Após décadas de carreira e atualmente integrada à *Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortiz*, em Havana, segue ativa, pensante e com vários trabalhos em andamento.

Sem nos conhecermos previamente, coincidiu de nos encontrarmos em Havana, na ocasião do *Curso Marxismo en Afroamérica*, organizado na Casa de Las Américas, por Zuleica Romay Guerra. Graciela era uma das expositoras; Paulo estava em Cuba realizando pós-doutorado sob sua supervisão; e Cristiane também participaria como expositora no Curso. Já no primeiro dia, a brilhante exposição de Graciela, sua vivacidade e senso de humor, a firmeza, crítica e elegância de suas palavras, fizeram-nos esquecer do escaldante calor

4 O Grupo Novo Mundo (New Word Group) foi um movimento entre jovens pesquisadores e estudantes de universidades do Caribe anglófono orientados pelo desejo de produzir um pensamento independente e um corpo teórico que fosse capaz de explicar a formação histórica, social e econômica do Caribe, criando uma importante tradição intelectual que procurou ir na contramão das imposições epistêmicas coloniais. Destaca-se dentre seus integrantes, Lloyd Best, Norman Girvan, Gerge Beckford e James Millette, por exemplo.

caribenho no mês de julho. E o sentimento de que precisávamos de mais interlocuções com essa mulher, da necessidade de registrar aquele encontro, fazê-lo ir além, foi compartilhado por nós (Cristiane e Paulo), quando pudemos conversar a respeito da aula por ela ministrada.

Decidimos que pediríamos uma entrevista - mesmo com pouco tempo, sem equipamentos ou espaço adequado para tal. Gentilmente e com a generosidade de quem acolhe os mais novos, paciente e cuidadosa, Graciela cedeu-nos a entrevista no intervalo de uma das aulas. A resposta a cada pergunta feita por nós ultrapassa todo o alcance que imaginávamos que poderia ter a indagação. E, junto ao desejo de seguir escutando-a, crescia a certeza de que entrevistá-la foi o mais acertado que poderíamos ter feito.

A profundidade diálogo que agora apresentamos revela uma intelectual de enorme grandeza, com muito a nos ensinar sobre o pensamento social caribenho, a radicalidade necessária à crítica anticolonial e anti-imperialista, sobre os desafios do fazer intelectual comprometido com a transformação da realidade, sobre a complexidade do debate racial e a necessária contribuição do marxismo à sua realização e, certamente, sobre Cuba e os cubanos. Nesta entrevista, Graciela alcança nos apresentar debates, intelectuais, construções teóricas e perspectivas revolucionárias que podemos dizer, sem medo, são amplamente desconhecidas no Brasil. E essa é a razão pela qual fazemos questão de apresentá-la ao público brasileiro e abrir, por meio dela, a interlocução com uma riqueza teórica e cultural valiosa para pensarmos nossos próprios problemas e desafios na construção de caminhos revolucionários.

Aos nossos leitores e leitoras, apresentamos Graciela Chailloux Laffita, com a confiança de que essas poucas páginas não fazem jus à grandiosidade do seu pensamento e da sua produção, mas os conduzirá com a destreza dialética, a qualidade teórica e a análise histórica que, seguramente, são elementos cruciais nas suas elaborações e no seu pensamento.

Cristiane: Inicialmente, quem é a Graciela Chailloux Laffita, qual é a sua formação acadêmica e intelectual, as suas produções... Pode nos falar um pouco sobre isso?

Graciela: A minha formação de base é como historiadora. Licenci-me em História em 1971⁵. Nessa altura, a Faculdade de Economia [da Universidade de Havana], tinha 10 anos, era muito nova e estava ainda em formação. O reitor, que era também um homem muito jovem, mas muito inteligente, chamado Orlando Segundo⁶, decidiu que era necessário que a formação dos economistas incluísse o ensino da História Econômica de Cuba e da História do

5 12 anos após o triunfo da Revolução Cubana.

6 Orlando Segundo Arias, historiador e jornalista.

Pensamento Econômico Cubano. E foi por isso que fui designada para trabalhar nesta faculdade, em departamento que estava sendo criado com o objetivo de fazer a investigação para criar a disciplina.

Foi a fase mais importante da minha vida profissional porque éramos todos jovens, estávamos todos aprendendo e havia um grande espírito de estudo, de partilha de experiências etc., e foi extremamente formativo. Era a década de 1970. A década do *boom* do pensamento latino-americano, da literatura latino-americana etc., e tudo isso, naturalmente, refletia-se no trabalho que fazíamos, porque ensinávamos, por exemplo, o Pensamento Econômico Universal, o Pensamento Econômico Latino-Americano e o Pensamento Econômico Cubano. E Economia Política através *d'O Capital de Karl Marx*. Tive a oportunidade de frequentar todas as disciplinas teóricas do curso de economia. É por isso que as minhas obras sobre o Pensamento Econômico e a História Econômica dão ênfase à perspectiva da *teoria econômica*. Mas nem absolutamente econômica nem totalmente histórica, pelo menos de acordo com as tendências dominantes em Cuba a este respeito. O importante é que tudo isto, posso dizer-lhes, foi extremamente formativo no meu caso.

Ao fim de 15 anos, sem abandonar esta linha de trabalho, passei a trabalhar num Centro de Estudos sobre os Estados Unidos, também na Universidade de Havana⁷, que estava igualmente em processo de formação e cujo objeto de estudo ainda não era claro. Foi um período de tentativa e erro sobre qual deveria ser o objeto de investigação. Se, por exemplo, tínhamos de saber muito sobre o que eram os Estados Unidos, até que chegamos à conclusão de que tínhamos de saber muito sobre o que eram os Estados Unidos, mas que também tínhamos de colocar esse conhecimento em termos da relação entre os Estados Unidos e Cuba.

Como historiadora, é claro que não me contentei em saber apenas o que se passava nos anos 80, mas fui à procura dos antecedentes e isso me permitiu contradizer a visão de que havia um *diferendo* entre Cuba e os Estados Unidos, ou seja, diferenças. A Teoria das Relações Internacionais veio em meu auxílio e permitiu-me demonstrar que o que havia era um conflito entre *soberania e hegemonia*. E que esse conflito se arrastava desde o final do século XVIII, quando as Treze Colônias se tornaram independentes e declararam a sua

⁷ O atualmente denominado *Centro de Estudios Hemisféricos y sobre Estados Unidos (CEHSEU)*, vinculado à Universidade de Havana, tem como antecedentes o *Grupo de Estudios sobre Estados Unidos (GEEU)* (década de 1970), o *Departamento de Investigaciones de Estados Unidos (DISEU)* (1982) e, por fim, o *Centro de Estudios Sobre Estados Unidos (CESEU)* (1987). Entre 2007 e 2008, devido à ampliação do objeto de estudos, recebe o nome que segue atualmente em vigência. De maneira geral, a instituição tem se dedicado aos estudos das problemáticas atuais, tendências e perspectivas estadunidenses no que se refere à política, economia, ideologia, sociedade e relações internacionais, por exemplo.

pretensão de incorporar Cuba, ou seja, que Cuba deveria pertencer à União Americana. Estive lá [no Centro de Estudos sobre os Estados Unidos] durante mais 15 anos. O meu último objeto de investigação estava relacionado com o avanço da ideologia e das políticas neoliberais a nível mundial, especialmente nos Estados Unidos, e as suas possíveis implicações para Cuba.

Mas comecei a ter dúvidas se o que estava sendo exigido em termos de conhecimento tinha algo a ver comigo ou não, e foi aí que conheci acidentalmente Lloyd Best⁸. Um economista de Trinidad e Tobago que tinha (eu não sabia nada sobre isso antes de conhecê-lo) criado, juntamente com Kari Polanyi-Levitt, filha de Karl Polanyi, a *Teoria Econômica da Plantação*. Desde o primeiro momento, adotei simplesmente os princípios dessa como o corpo teórico que iria orientar o meu trabalho. Porque a Teoria da Plantação não trata apenas de discorrer sobre uma estrutura econômica que serve ao desenvolvimento do capitalismo, que é autóctone e autônomo em relação aos centros de poder do sistema: *é uma teoria sobre a sociedade que é criada, sobre a forma como uma sociedade é criada para servir imperativos externos*. E penso que isso tem um valor extraordinário. A primeira formulação foi em 1968. A primeira edição dos ensaios formais foi publicada em 2008, precisamente na Casa de Las Américas⁹, e tem um valor inestimável. Significativamente, o livro apareceu primeiro em espanhol, em Cuba, e não em inglês.

Portanto, bem, desde então, esta tem sido a minha linha de trabalho, trabalho nela agora... Isto me levou a pensar no Caribe em termos de processos econômicos, políticos e sociais e tento pôr em diálogo, como se diz hoje em dia, os quatro Caribes, ou seja, o Caribe de língua espanhola, o Caribe de língua francesa, o Caribe de língua inglesa e o Caribe de língua holandesa. Porque o Caribe não é homogêneo. É uma unidade na sua diversidade. Por outras palavras, o *Caribe da Plantação* não é uma unidade geográfica, é um espaço cultural - no sentido antropológico mais amplo - que se estrutura em torno de um eixo que é a [economia da] plantação.

8 Lloyd Algernon Best (1934-2007) foi um intelectual de Trinidad e Tobago que, na década de 1960, foi cofundador do chamado Grupo Novo Mundo. Dentre suas obras mais relevantes estão o ensaio *Outlines of a Model of Pure Plantation Economy*, predecessor da Teoria Econômica da Plantação consagrada no livro *Essays on the Theory of Plantation Economy: A Historical and Institutional Approach to Caribbean Economic Development*. Ambas as obras estão publicadas em Cuba, em língua espanhola, sob a co-tradução, coordenação e iniciativas da Dra. Graciela Chailloux Laffita

9 O *Fondo Editorial Casa de las Américas*, pertencente à instituição de mesmo nome, se ocupa em selecionar, traduzir e publicar importantes obras de todo o continente americano. Foi responsável por algumas publicações sobre a Teoria da Plantação e o Grupo Novo Mundo: CHAILLOUX, Graciela; LEVITT, Kari; GIRVAN, Norman (Eds.). *Por la soberanía intelectual del Caribe: el Grupo Nuevo Mundo*. Havana: Fondo editorial de la Casa de las Américas, 2020; BEST, Lloyd; POLANY-LEVITT, Kari. *Ensayos de la teoría de la plantación*. Havana: Fondo editorial Casa de las Américas, 2008; este último com apresentação, coordenação e co-tradução de Graciela Chailloux.

São sociedades de plantação essencialmente semelhantes em termos econômicos, políticos e sociais, mas com expressões próprias decorrentes das particularidades do padrão de dominação a que os territórios estiveram sujeitos. Outro fator de diversidade está relacionado com a dimensão de cada território e seus recursos naturais. Apesar destas particularidades, o conhecimento destes conglomerados sociais é o que nos permite desfrutar do assombro de expressões culturais produzidas em diferentes ilhas, em diferentes territórios que dizemos: “Uau, mas eles estavam conversando!”. Não, não. Eles não se conheciam.

Há momentos importantes em que estas interligações são evidentes. Por exemplo, a crise econômica mundial de 1929 a 1933¹⁰ provocou uma revolução política em todas as ilhas do Caribe. Não importa a língua falada em cada uma. E como resultado disso, em Trinidad e Tobago, em Cuba, na pequena ilha de Santa Lúcia, em Guadalupe, no Haiti, a atenção voltou-se para o legado da Revolução Haitiana. A Revolução Haitiana como um momento, como uma referência histórica que tinha de ser levada em conta 130 anos depois. Mas não foi apenas uma revolução política que abalou a região naquela altura. Insisto sempre que, a par dessa revolução política, houve uma revolução intelectual. E, pela primeira vez, o Caribe foi pensado, entendido e explicado pelos seus intelectuais como uma unidade de conhecimento, como uma unidade de análise, onde o particular e o geral não entram em contradição, mas são perfeitamente articulados.

Cristiane: Bem, você falou sobre a sua aproximação com a Teoria da Plantação e o seu desenvolvimento, pode também falar um pouco sobre o contexto do desenvolvimento desta teoria, o seu diálogo com outras teorias que estavam se desenvolvendo na América Latina e os debates da época?

Graciela: Bem, isto é realmente complexo, é extenso. Vou apenas dar uma visão geral. Vou dar-lhes uma ideia. O problema da descolonização do Caribe é uma reivindicação que remonta ao final do século XIX. A emancipação da escravatura é um processo que, exceto no caso de Cuba, onde a abolição legal da escravatura teve lugar em 1886. Entre 1834 e 1845, mais ou menos, o processo de abolição legal da escravatura teve lugar em todos os territórios caribenhos, sob pressão, sobretudo, da Inglaterra. Esta é uma história com singularidades notáveis, porque cada lugar tinha a sua especificidade. No entanto, o que é importante é que 80% da população das plantações do Caribe vai sentir o impacto desta abolição.

10 Referência à Grande Depressão, ou Crise de 1929, dos Estados Unidos e seus desdobramentos internacionais.

É preciso sublinhar, ter em conta, a opinião que os escravizados e os seus descendentes, tinham sobre este momento. O que significará para as suas vidas. Há estudos sociológicos muito interessantes, sobretudo no Caribe britânico, sobre aquilo a que chamam as expectativas de emancipação¹¹. Por outras palavras, quais eram essas expectativas? Usufruir de um salário digno para sustentar a família; possuir uma pequena parcela de terra, uma horta, um jardim, um pomar, onde pudessem cultivar certos produtos para levarem ao mercado aos domingos; acesso à educação para os filhos como fator de mobilidade social; e o gozo de direitos perante a lei.

Mas nada disso foi cumprido. E é isso que explica o fato de, no início do século XX, em diferentes territórios, se ter registrado revoltas populares desta população exigindo um espaço na sociedade. É o momento do surgimento do movimento de *Marcus Garvey* com o seu projeto de regresso à África, de reivindicação de espaço político, de melhoria das condições de vida etc. Teve a virtude de demonstrar que os africanos e os seus descendentes se questionam, pela primeira vez, em termos práticos, em termos de um projeto: o que faço eu aqui? quem me trouxe para cá? qual é o meu lugar? onde vou construir, reconstruir a minha vida como sujeito humano e social etc.? E isso vai estar presente em todo esse período, seja em toda a literatura, nas artes plásticas, na música. Absolutamente todas as expressões culturais vão refletir esta necessidade de emancipação pessoal, ou seja, individual e coletiva desta enorme população de afrodescendentes em todas as ilhas caribenhas.

A Segunda Guerra Mundial foi um momento em que o capitalismo teve de fazer ajustes, o sistema capitalista hegemônico teve de fazer ajustes. O colonialismo deixou de ser conveniente porque o crescimento do mercado mundial determinou que era um obstáculo que houvesse espaços monopolizados.

Há um fato que não é habitualmente mencionado. Em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha sentam-se e redigem um documento muito breve chamado Carta do Atlântico¹² que diz, mais ou menos, “vamos chegar a acordo sobre o que vamos fazer quando a guerra acabar” e uma das questões abordadas foi a necessidade de acabar com o colonialismo. Claro que também concordaram com o seguinte: Os Estados Unidos disseram à Grã-Bretanha: “Não se preocupem, vocês tomam conta da Europa e eu

11 Graciela se refere especialmente à coleção de estudos contidos na obra: BECKLES, Hilary ; SHEPHERD, Verene (Eds.). *Caribbean Freedom: Economy and Society from Emancipation To The Present - A Student Reader*. Kingstone, Jamaica: Ian Randler Publisher, 1996.

12 A Carta do Atlântico (1941), *Atlantic Charter*, trata-se de um documento produzido e assinado pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill e pelo presidente estadunidense Franklin Roosevelt em que seus oito pontos determinavam acordos sobre o destino dos territórios afetados pela guerra e o comportamento das duas nações com respeito à expansão territorial com teor essencialmente neocolonial e imperialista.

tomo conta da região caribenha. E o Caribe será sempre um espaço seguro para mim contra qualquer tentativa do inimigo comum. Por isso, não se preocupem, cuidarei disso”. Por outras palavras, os Estados Unidos conseguem alargar a sua hegemonia, um fenômeno que vinha ocorrendo desde o início do século XX.

Sob a direção desta conciliação de interesses, foi criada uma instituição chamada Comissão Anglo-Americana para o Caribe, para estudar a situação região no seu conjunto, a fim de elaborar as políticas correspondentes. Foi a época do aparecimento, nos Estados Unidos, dos famosos *think tanks*¹³ e dos estudos de área. A lógica é que, se queremos ser donos do mundo, temos de conhecer o mundo e temos de começar por criar as instituições que nos fornecerão informações sobre a pertinência desta ou daquela política. Portanto, o problema da descolonização tem duas vertentes: como uma necessidade do capitalismo hegemônico para manter a dominação através de outros mecanismos e instrumentos de dominação; e como uma exigência das massas populares para as suas reivindicações de bem-estar, justiça social etc.

O organismo das Nações Unidas acolheu esta ideia, condenou o colonialismo, proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos [1948]. Mas isso pouco importou. A França transformou as suas colônias em territórios ultramarinos. Os Países Baixos mudaram o estatuto das suas colônias caribenhas para municípios ultramarinos, e assim por diante... Mas o mais importante é que os Estados Unidos se tornaram definitivamente a hegemonia americana, a potência que organiza absolutamente tudo.

Portanto, a questão da descolonização no Caribe é um problema complexo, porque vejam: o que é que a Inglaterra fazia sempre que havia uma revolta popular nos seus territórios? Concedia algumas reformas e isso aplacava a situação. Foi essa a política que a Inglaterra implementou neste processo descolonizador pós-guerra. Criaram uma Federação das Índias Ocidentais¹⁴ que incluía dez das ilhas caribenhas, mas que durou apenas quatro anos, de 1958 a 1962. E 1962, quando a Federação falhou, reconheceu a independência constitucional de Barbados, Guiana Inglesa, Jamaica e Trinidad e Tobago. Sublinho a independência constitucional.

13 Os *Think Tank* originalmente diziam respeito à reunião de líderes da Segunda Guerra Mundial para elaboração de estratégias militares. Desde então, passou a representar laboratórios de ideias e estratégias política e ideologicamente orientadas por meio de estudos, elaborações discursivas, expansão ideológica, entre outras, no sentido de ampliação dos sistemas de poder e influência.

14 A *Federation of the West Indies* tratou-se de uma breve associação das colônias britânicas do Caribe que perdurou de 1958 a 1962, quando foi dissolvida a partir da independência de dois grandes territórios, Jamaica e Trinidad e Tobago, além de conflitos políticos internos à federação.

O que é que isso significa? Que no Caribe anglófono existem hoje territórios ultramarinos, territórios formalmente independentes, repúblicas, territórios que têm um sistema político constitucional; mas para todos eles o chefe de Estado era a Rainha, agora é o Rei [da Inglaterra] e estão sujeitos à *Commonwealth* britânica. Barbados decidiu recentemente declarar a sua independência da *Commonwealth* e a Jamaica está a seguir o mesmo caminho.

Em suma, trata-se de um problema inacabado que tem a particularidade de ocorrer num espaço geograficamente muito fragmentado, com estruturas sociais particulares que diferenciam a forma como os objetivos da descolonização são reconhecidos. Já conhecemos o caso de Porto Rico: de colônia a Estado Livre Associado [membro da *Commonwealth*], com todos os problemas que isso implica. O Haiti ainda paga pela audácia de ter criado uma República de escravizados que se deram a liberdade. Porque tudo o que está acontecendo com o Haiti, na minha opinião, é simplesmente uma vingança das potências do Atlântico Norte. Ou seja, quando a República Haitiana decreta a abolição da escravatura [em 1804], teve que pagar 150 milhões de francos à França. Mas a Inglaterra pagou aos colonos que tinham as suas plantações aqui no Caribe para aceitarem a abolição da escravatura. Os proprietários das plantações de Cuba não conseguiram que a Espanha os indenizasse como condição para acabar com a escravatura. Por outras palavras, a nossa história é uma história muito complexa, há que se ter em conta algo que me parece básico: que papel ocupa a plantação caribenha no sistema mundial, no sistema global? Pode-se saber muito bem o que se passa dentro de cada ilha; mas desconhecer a sua origem, nunca se terá uma visão precisa dos fenômenos que se pretende analisar.

É um fenômeno que se manifesta inclusive na produção intelectual. Porque imagine só autores caribenhos recorrendo a personagens de *A Tempestade*, de Shakespeare, para produzir peças de teatro, romances e discursos literários que se confrontam com o eurocentrismo. Por outras palavras, é realmente um mundo extraordinário, porque a formação destes intelectuais vai ser feita fundamentalmente nos centros de poder e a partir de perspectivas eurocêntricas. Mas quando regressam às suas ilhas, sobretudo os que regressam de França, da Holanda e de Inglaterra, são obrigados a avaliar o que aprenderam para compreender as suas próprias realidades.

Primeiro, chegam à metrópole e percebem que fazem parte de um grupo social de sujeitos colonizados. Conhecem-se uns aos outros, descobrem que são caribenhos, compreendem que fazem parte de um sistema imperial e identificam paralelos com as experiências dos seus pares de África ou de outras partes do mundo. Esta é a primeira lição. A segunda grande lição é: “tudo o que aprendi não me serve para compreender a realidade que

quero transformar”, porque são indivíduos que mantêm essa tradição de pensar na transformação da sociedade. E, por isso, têm de utilizar seletivamente as ferramentas do pensamento eurocêntrico, de assumir aquelas que são úteis para desvendar a sua realidade, têm também de recriar seletivamente muitas dessas ferramentas intelectuais e, finalmente, são obrigados a criar uma concessão teórica, metodológica, analítica, que corresponda exatamente a “como consigo conhecer a origem da minha situação e que recursos devo utilizar para a sua transformação”. Por outras palavras, a descolonização é um fenómeno político, é um fenómeno económico, é um fenómeno social, é um fenómeno intelectual.

Paulo: Professora, parece-me que a Teoria da Plantação nos deixa lições para toda a América Latina, porque quando ela se propõe a pensar, em primeiro lugar, num sistema metodológico de análise da sociedade, mas também num sistema económico e social baseado na plantação, ela também requer um cuidado contextual, mesmo que a plantação seja uma estrutura do processo de colonização que tem a ver com quase todos nós na América Latina. Quais seriam as lições da Teoria da Plantação para a América Latina?

Cristiane: Que diálogos podem se estabelecer entre a teoria da plantação e a teoria da dependência, por exemplo?

Graciela: Muito bem, como disse antes, na Faculdade de Economia tomei contato com o *boom* do pensamento económico latino-americano do segundo pós-guerra. As obras de Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Raúl Prebisch, dos dependentistas, por exemplo, ajudaram-me muito a compreender o alcance da Teoria da Economia da Plantação, porque o significativo no livro¹⁵ que foi publicado sobre o *Grupo do Nuevo Mundo* é que o grupo de intelectuais que criou a Teoria da Economia da Plantação, tinha as mais diversas perspectivas. Uma das suas fundadoras, Kari Polanyi-Levitt, diz: “Nós éramos paralelos a esse pensamento latino-americano, mas não nos demos conta da importância de tê-lo posto por escrito”.

Quer dizer, as duas correntes de pensamento são totalmente compatíveis. A interlocução entre elas é totalmente congruente. Por que do que é que fala a Teoria da Economia da Plantação? Fala de como se cria uma estrutura económica para servir os interesses metropolitanos. E isso é o mesmo que acontece na América Latina. Porque é que é tão

15 Referência ao livro *Por la soberanía intelectual del Caribe: el Grupo Nuevo Mundo*, organizado por Graciela Chailloux, Kari Levitt e Norman Girvan, publicado pelo Fondo editorial de la Casa de las Américas, Havana, 2020.

importante, por exemplo, a classificação da tipologia das colônias feita por Celso Furtado, quando ele diz que há colônias de exploração no Caribe; há colônias de povoamento nos Estados Unidos; e há colônias de clima temperado e de recursos minerais? Ou seja, não são todas iguais, mas são colônias, são estruturas econômicas onde se conciliam as condições específicas do lugar para servir a interesses externos. Portanto, penso que um dia a reflexão sobre estes problemas vai assumir, incorporar, todos estes espaços porque, bem, como é que estes problemas são entendidos na África Subsaariana? Além disso, o processo de descolonização é também um processo que tocou África nos anos 60, como tocou a Ásia, como tocou a América Latina; embora em cada espaço haja generalidades e especificidades. Só assim se explica, por exemplo, a colaboração entre Aimé Césaire e Leopold Senghor no processo de criação do conceito de negritude. Não foi simplesmente simbólica ou fortuita. Foi o resultado autêntico que responde à realidade do processo de formação de uma comunidade internacional de interesses entre despossuídos. Não esqueçamos que este é o palco fundador do Movimento Não-Alinhados¹⁶ e de muitos outros espaços políticos e intelectuais para a projeção de bandeiras emancipatórias.

Cristiane: Eu vou fazer uma pergunta que eu considero necessária para nós no Brasil, porque conhecemos muito pouco sobre os intelectuais caribenhos. Um pouco sobre C.R.L. James, Eric Williams, Walter Rodney, Frantz Fanon, Aimé Césaire, mas muito pouco. Então, gostaria que falasse sobre esses intelectuais em geral, quem são, quais as suas contribuições, muito brevemente, para que seus nomes sejam citados, porque isso é importante.

Graciela: Bem, falemos dos protagonistas da revolução intelectual que teve lugar no Caribe durante as primeiras seis décadas do século passado. Os temas tratados nessa revolução intelectual, numa perspectiva autêntica e original, são os da descolonização, do anti-imperialismo, do pan-africanismo e do pan-caribenismo, da negritude, do indigenismo, do negrismo. Vou referir apenas algumas, porque, felizmente, a lista é enorme, diversificada e rica.

C. R. L. James, um trinitário, foi, sem dúvida, o pioneiro no processo de fundação de uma tradição intelectual original caribenha. A sua obra mais importante, *Os Jacobinos Negros* (1938), é a primeira análise marxista do papel da personalidade na história e da interligação

16 O Movimento Não Alinhado (Movimiento de Países No Alineados) surgiu em pleno contexto da Guerra Fria quando, em 1961, 120 países pretendiam colocar-se às margens do conflito bélico, afirmando uma postura de suposta neutralidade.

entre os processos sociais na metrópole e na sua colônia, tendo como foco a Revolução Haitiana.

George Padmore, outro trinitário, é um dos mais importantes escritores marxistas afro-caribenhos. Foi membro do Partido Comunista e da Internacional Comunista. Promotor do pan-africanismo, com fortes ligações ao movimento revolucionário africano. Foi um jornalista socialista e anti-imperialista. *The life and struggles of Negro toilers* (1931)¹⁷ foi o primeiro de uma extensa obra revolucionária.

Eric Williams, também trinitário, publicou em 1944 a obra fundamental da historiografia caribenha, demonstrando como aquilo a que chamamos economia de plantação deu um contributo essencial para o desenvolvimento do capitalismo britânico. Williams rejeitou explicitamente a teoria marxista, mas [sua obra] *Capitalism and Slavery* (1944)¹⁸ é uma confirmação da tese de Karl Marx sobre o processo de acumulação original de capital.

Sob a liderança intelectual dos economistas *Lloyd Best*, outro trinidadiano, a austríaca radicada no Canadá, *Kari Polanyi-Levitt*, e o jamaicano *George Beckford* conduziram o processo criativo que deu origem à Teoria da Economia das Plantações durante as décadas de 1960 e 1980, na Universidade das Índias Ocidentais - principalmente no campus de Mona, na Jamaica. A figura de Beckford é o caso em que a origem social marca o âmbito da produção intelectual dos indivíduos. Ele é um camponês que, a partir dessa condição, pensa a plantação, a sociedade da plantação. É um teórico muito consistente. Um homem que é capaz de escrever uma obra chamada *A Persistência da Pobreza*¹⁹, [na qual reflete] “Sim, o colonialismo acabou; mas o que é que acontece?”. Ele inclusive utiliza os conhecimentos da Teoria da Plantação para explicar outros territórios coloniais e neocoloniais da Ásia e do Pacífico.

Na Jamaica, a figura imponente de *Marcus Garvey*. Foi o primeiro pan-africanista e pan-caribenho. A *Universal Negro Advancement Association*²⁰ (UNIA), 1914-1935, foi o primeiro esforço para estabelecer ligações entre a África, o Caribe e a população negra dos Estados Unidos, através de um programa que exigia direitos econômicos, políticos e civis. *Claude McKay*, notável poeta, jornalista, romancista e um dos ideólogos da Renascença do Harlem, é um jamaicano radicado nos Estados Unidos que consegue captar na sua obra o sopro da comunidade afro-americana sem deixar de lado a sua emoção caribenha. O impacto no Caribe, na África Ocidental e na Europa do seu romance *Home to Harlem*, de 1928, foi

17 Publicado também no Brasil: PADMORE, George. A vida e as lutas dos trabalhadores negros. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2021.

18 Publicado em português no Brasil pela primeira vez em 1975 e, depois, em 2012.

19 Persistent Poverty: Underdevelopment in Plantation Economies of the Third World, 1972.

20 Associação Universal para o Progresso Negro e Liga das Comunidades Africanas

extraordinário. Particularmente, me sinto muito tocada por seu poema *Pariah*.

Edna Manley é um caso único. Nascida na Grã-Bretanha e casada com, o mais tarde, primeiro-ministro da Jamaica, Norman Manley, foi uma escultora muito importante, enraizada nas artes visuais jamaicanas. As suas esculturas *The Prophet* e *The Negro Rises*, ambas de 1935, são exemplos suficientes para avaliar a força da produção intelectual que se desenvolvia na região caribenha em todos os domínios da cultura artística.

Neste momento não me recordo do nome. Vocês me fizeram uma pergunta a que eu precisaria de uma lista para responder. Mas estou pensando no autor que tem o nome da Universidade do Suriname²¹ [Anton D Kom]. Lembro-me que uma vez, aqui na Casa de Las Américas, vi no arquivo da biblioteca o título de uma obra que me despertou curiosidade. Chama-se *Los esclavos que se dieron la libertad* [Os escravos que se deram a liberdade]. O seu autor é um dirigente político a favor da independência do Suriname que escreveu uma obra em que diz que não foram só os senhores que deram a liberdade, a resistência dos escravizados foi um fator de emancipação dos escravos e essa obra foi publicada no calor das revoltas populares que abalaram o Caribe em 1934.

Pois bem, no caso de Cuba, temos *Nicolás Guillén*, fundador de uma poesia que reivindica a importante contribuição africana para a cultura nacional e exalta o gênero musical mestiço: *o son*. Os seus [poemas] *Motivos del son* foram publicados em 1934. Um tema que, do ponto de vista da história, da antropologia e da etnografia, o grande *Fernando Ortiz* projetou de forma irrefutável no seu *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* [Contraponto cubano do tabaco e do açúcar] de 1944. Entre uma plêiade de artistas plásticos que, como vanguarda artística, captaram a realidade cubana, destacou-se *Wifredo Lam*, o homem que realizou uma pintura que é considerada um programa pictórico do Caribe. Em *La jungla* [A selva], de 1943, Lam sintetizou o espírito do Caribe. *Alejo Carpentier*, como romancista, reverenciou a epopeia revolucionária dos africanos escravizados no Haiti em *El reino de este mundo* [O reino deste mundo], 1949, deslumbrado pela experiência de uma visita ao Haiti em 1943. A sua *Teoria do Real Maravilhoso* nasceu da realidade haitiana.

Nas colônias francesas do Caribe, o líder incontestável da formação de uma nova consciência social foi *Aimé Césaire*, professor e presidente da Câmara da Martinica, para quem a sua estadia como estudante em Paris revelou uma nova dimensão do espaço caribenho. A publicação do seu poema, *Caderno do retorno ao país natal*, de 1938, tornou-se um manifesto sobre a diáspora africana, a base da negritude, um movimento político,

21 Universidade Anton de Kom.

ideológico e literário caribenho, que teve uma influência notável nos autores martinicanos. *Frantz Fanon*, o psiquiatra que, em *Pele Negra, Máscaras, Brancas* (1952) e *Os Condenados da Terra* (1961), fez uma análise profunda das implicações da violência colonial do capitalismo em todas as esferas da vida social. *Edouard Glissant*, por sua vez, é autor de uma obra maravilhosa que, em minha opinião, é a mais elevada reflexão filosófica sobre o Caribe na sua *poética da relação*, conteúdo articulador do seu *Le Discours antillais* (1981), no qual sintetiza um extenso trabalho que começou, em 1956, com a publicação de *Soleil de la Conscience*.

No Haiti, *Jacques Romain* é um marxista fundador do partido comunista, amigo de Nicolás Guillen aqui em Cuba, que escreveu uma peça chamada *Gobernadores del Rocío* (1961) que é uma peça que até hoje tem muito sentido. A figura principal é um camponês haitiano que esteve em Cuba e regressa ao Haiti para lutar pela água para a sua comunidade, e inclusive já foi feito um filme sobre isso. Já foram feitos dois filmes, um aqui em Cuba e outro não sei onde.

Santa Lúcia é uma ilha muito pequena, com uma população muito pequena, que tem dois laureados com o Prêmio Nobel: um é *Arthur Lewis*, o economista, um homem que ganha uma dessas bolsas de estudo que permitem estudar em Inglaterra. Queria ser engenheiro, mas decidiu que não era conveniente porque, quando regressasse à ilha, sendo um homem negro, ninguém o quereria contratar porque, evidentemente, o preconceito racial iria desvalorizá-lo. Tornou-se economista e, em 1971, ganhou o Prêmio Nobel de Economia pela sua teoria sobre o duplo carácter do capitalismo. Mas nesta mesma ilha havia um homem mais novo, *Derek Walcott*, que também ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, em 1992, com uma obra espetacular que dá conta da sua concepção da fragmentação das experiências culturais no Caribe como fonte da sua singularidade.

A ilha de Trindade e Tobago é uma ilha povoada, para o dizer de forma rápida e breve, por metade de afrodescendentes e metade de *índios* e seus descendentes, oriundos da Índia. Índios muçulmanos, católicos, protestantes, hindus... Há uma grande confusão sobre o uso do gentílico Índio na América, no Novo Mundo. A culpa é de Colombo. Ele viajava em busca de um caminho mais curto para as Índias, tropeçou numa massa de terra, pensou que tinha chegado à Índia e chamou de índios os seus habitantes. De qualquer modo, nem todos os índios [indianos] e os seus descendentes são hindus. Pois bem, em Trinidad, cerca de metade da população de origem indiana é o resultado de ter sido levada para lá quando se aboliu escravatura, a fim de provocar uma baixa dos salários. E há um descendente desses indianos, *Vidiadhar Naipaul*, que foi laureado com o Prêmio Nobel da Literatura, em 2001, com uma

obra que trata de algo que é real na sociedade caribenha: o problema da fragmentação, ou seja, o facto de sermos uma mistura e ele rejeita o facto de não haver nada de original no Caribe. Faz isso de um ponto de vista literário. É interessante porque o que ele diz corresponde ao facto de que alguns sociólogos caribenhos aceitam o termo *Mimic Men* como uma categoria. Os *Mimic Men*, o homem imitador, a imitação dos padrões culturais dominantes. Um exemplo da criação de termos destinados a dar conta da aspiração de corresponder às exigências do modelo sociocultural entendido como superior é o de *Afro Saxon*. Quando Lloyd Best queria zombar de Arthur Lewis, chamava-lhe afrosaxão.

Foi uma resposta muito longa. Talvez fosse prudente encurtá-la. É um assunto que me seduz e me entusiasma muito

Cristiane: Temos uma última pergunta que é sobre a forma como a sua abordagem da teoria econômica também a aproxima dos debates sobre consciência social e racismo e aqui na sua exposição²², você disse que o racismo é o problema mais difícil de estudar em Cuba. Por que e como podemos pensar e avançar nos estudos do racismo a partir de uma perspectiva marxista?

Marx é inexplicavelmente censurado por não ter tratado com profundidade e amplitude o complexo socioeconômico decorrente do colonialismo, à revelia de duas questões transcendentais. Primeiro, o conhecimento sobre as sociedades não europeias era muito escasso em meados do século XIX; de fato, as ciências sociais ainda não tinham atingido os níveis de especialização que alcançaram nas primeiras décadas do século seguinte. Em segundo lugar, o que Marx tem diante de si é o fenómeno da exploração do trabalhador assalariado. No entanto, tanto o domínio colonial, como a escravização do africano, foram vistos por ele como condições prévias para a emergência e consolidação do capitalismo. As pistas para considerar o capitalismo como um sistema mundial residem na intenção de Engels de explicar a razão de ser de outros padrões de evolução social, aquilo a que chamou o modo de produção asiático genericamente. Por outro lado, aquilo a que se chamou marxismo, para além de Marx, Engels e Lenin, fez do método científico marxista um dogma aplicável a qualquer tipo de sociedade. Foi por isso que muitos dos intelectuais caribenhos, em busca de um pensamento criativo, chegaram a filiar-se em partidos comunistas, aderiram à Internacional Comunista e acabaram por rejeitar uma prática doutrinária que não considerava

22 Na oportunidade, Graciela apresentava a palestra “*Aportes de los intelectuales caribeños a la Economía Política marxista*”, no evento “*Curso de Verano: Pensamiento Marxista y prácticas políticas en Afroamerica*” sediado na Casa de Las Américas em julho de 2023.

o problema de fundo do colonialismo, as sequelas da escravidão e do racismo.

A história do conhecimento científico no campo da economia diz-nos o seguinte: Adam Smith não era um economista. Era um indivíduo que estudava a sociedade, só que decidimos que se ocupava apenas da economia. Karl Marx não se formou em nenhuma escola de economia, nem Engels, mas nós decidimos que quem escreve *O Capital* é um economista. Não importa que em *O Capital* haja pistas para entender a economia como um fator determinante na configuração da estrutura social, como a base da sociedade que vai gerar uma superestrutura, assim como esta superestrutura influenciará a materialidade social.

Assim, a história das ciências sociais, sobretudo ao longo do século XIX, fragmentou o conhecimento sobre a sociedade e chegamos a um ponto de superespecialização. Para usar termos não científicos, se o mamute desapareceu devido à superespecialização, estamos prestes a perder a nossa capacidade de compreender o fenômeno social na sua essencialidade, em termos de Ciências Sociais e Humanísticas, devido à pura superespecialização. Não obstante, o resultado tem sido o aprofundamento e a extensão do conhecimento sobre o organismo vivo e mutável que é a sociedade. Consequentemente, os estudos produzidos sobre as sociedades coloniais servem como um contributo, uma verificação dos princípios essenciais do marxismo, entendido como método científico. Não tenho dúvidas de que o marxismo é uma ferramenta útil para fazer avançar a criação de conhecimento antirracista, para a luta pela sua erradicação. Mas, nesta e noutras questões, há limitações e obstáculos a ultrapassar.

Vejamos, por exemplo, estes estudos que se tornaram moda sobre a desigualdade, a vulnerabilidade e a pobreza, quando é que surgiram como correntes, como tendências acadêmicas? Surgiram nos anos 80, quando o neoliberalismo já estava a emergir como política econômica e a confirmar que o objetivo do sistema é gerar pobreza e desigualdade, como se tivesse nascido naquele momento. E depois os sociólogos que estudam a pobreza, a vulnerabilidade e a desigualdade nunca se perguntam como, quando e por que surgiu a pobreza, a vulnerabilidade e a desigualdade; ou se antes não havia pobreza, vulnerabilidade e desigualdade. E aqui há problemas sérios com as ciências sociais. Sobretudo com o entendimento de que a historicidade é um princípio articulador das investigações sociais.

Então, o que é acontece comigo? Por ter sido tão intelectualmente heterogênea, com uma curiosidade irreprimível, convivi com historiadores que não me consideram historiadora porque não cumpro o cânone; com economistas, que não me consideram economista porque não cumpro o cânone; com cientistas políticos, que não me consideram politóloga porque não cumpro o cânone; e agora, para o cúmulo, estou envolvida naquilo a que chamo os processos

econômicos, políticos e sociais do Caribe plantacionista.

Esta trajetória levou-me a sentir uma paixão pela compreensão da sociedade como um todo. Eu sempre digo aos alunos: “a sociedade é essa totalidade, esse conjunto historicamente determinado; portanto, se vocês vão estudar uma das questões da sociedade, não podem deixar de considerar que essa questão está inserida no conjunto da sociedade. Portanto, têm de relacionar o seu objeto de estudo com o contexto material e intelectual em que esse desenvolvimento ocorre”.

Foi neste caminho que um dia compreendi que todo o Caribe plantacionista, a sociedade das plantações, é uma unidade, ainda que diversa. Ah, um livro que comprei na Jamaica chamado *Caribbean: An Intellectual History*²³ [*História Intelectual do Caribe*]. Uau! Um livro espetacular. Denis Benn é o nome do autor, um jamaicano recentemente falecido. Aí me deparo com a abordagem da consciência negra no Caribe. É dito a partir do Caribe britânico, com algumas referências ao Caribe de língua francesa. Primeiro fiz uma espécie de esboço e [pensei] “bem, vamos ver quem está aqui, quem são as figuras, quais são as obras, quais são as suas abordagens” e assim por diante... Tive a sorte de ter uma bolsa que me levou ao Centro Schomburg²⁴, em Nova Iorque, e disse a mim mesma “tenho de estudar cada um destes movimentos da consciência negra separadamente, o que fala espanhol, o que fala francês, o que fala inglês, o que fala holandês”.

E como a que mais ressoa é [o movimento d]a Negritude²⁵, pensei comigo mesma: bem, vou começar por aqui. Voltei com muita bibliografia e quando me sento para tentar organizá-la, para, pelo menos, identificar uma ideia da linha desta informação, faço a mim mesma uma pergunta inquietante: contra o que eles estão reagindo? Qual é a origem desta consciência negra? Do que estão eles falando? E é assim que chego ao problema do racismo, pois já a minha abordagem da teoria econômica da estrutura das plantações me tinha convencido de que a escravatura era a forma de dispor de mão de obra barata e abundante sob o pretexto da inferioridade do africano.

E foi então que me ocorreu o seguinte: houve a abolição legal, insisto, legal da escravatura, mas não houve a emancipação do indivíduo. E o recurso mais importante para manter isso não foi apenas a expropriação material, mas um arcabouço ideológico criado

23 *Caribbean: An Intellectual History, 1774-2003*, de Denis Benn.

24 Schomburg Center for Research in Black Culture, biblioteca pública de Nova Iorque.

25 A ideia da *Negritud* apareceu pela primeira vez na década de 1930 nos escritos de Aimé Césaire a partir dos seus intercâmbios com Léopold Senghor, requerendo, *grosso modo*, uma profunda transformação nas perspectivas de universalistas europeias e invocando a importância da expressão autêntica do povo negro, rejeitando perspectivas superficiais de assimilação, por exemplo.

desde a primeira das viagens de Colombo, que as mais diversas formas ideológicas dizem ao africano e ao seu descendente “Você é inferior por causa disto, por causa disto, por causa disto... olha para isto... não diz na Bíblia: Noé teve um filho que falhou e por isso os netos de Cam estão condenados a pagar esse castigo. Mas, além disso, a Antropologia diz que o teu crânio é menor e não sei o quê...; mas, além disso, tu isso, aquilo, o outro”... Enfim, todo um enorme aparelho ideológico sustentado com legislações e com tudo o que se pode conseguir em termos ideológicos. E depois eu disse “bem, deixa-me ver como é que funciona nos quatro Caribes”.

A questão é que, para subjugar o africano, os castigos corporais não bastavam para instaurar o pânico. Independentemente da negação da humanidade do escravizado, era preciso dominá-lo a partir da sua consciência.

Foi assim que escrevi um texto intitulado *Queloides en la consciencia social del Caribe* [Quelóides na consciência social do Caribe]²⁶ em que o que fiz foi, precisamente, rastrear os sistemas de educação, os sistemas de ensino religioso, os sistemas de estruturação social, as expressões artísticas [...] em suma, no campo da superestrutura social, procurar como em todo este arcabouço ideológico em que se exprime o racismo, são determinantes os sentidos da cor da pele, a subjetividade nascida do menosprezo do africano na expressão reduzida à cor da pele.

Portanto, como tudo é uma engrenagem, no ano seguinte disse para mim mesma, enquanto esperava que alguém se decidisse a publicar o livro: “Bem, vou organizar um seminário chamado ‘Os sentidos da cor da pele em Cuba’”. Como se trata de uma questão que está presente em absolutamente todas as áreas da sociedade cubana, é necessário assinalar os caminhos da investigação acadêmica sobre a forma como em Cuba a cor da pele determina tais e quais situações de exclusão e quais são as suas origens.

Organizamos este ciclo de conferências, o que me deu uma grande satisfação, porque reuni 27 especialistas cubanos - musicólogos, teatrólogos, escritores, antropólogos culturais, antropólogos humanos, demógrafos, psicólogos, advogados, sociólogos, críticos de arte, documentalistas, historiadores -, enfim, todo o tipo de especialidades sociais e humanísticas, para que eles, que não tinham isso na sua área de trabalho e que eram pardos, pretos e brancos, pudessem pôr os seus conhecimentos ao serviço [da investigação] do significado da cor da pele. E foi muito bom. Ninguém recusou. Todo mundo aceitou. Era somente ir falar. Todo mundo contribuiu. Os advogados, por exemplo, falavam de tudo, desde o direito romano

²⁶Está em processo de edição e deve ser publicado neste ano de 2024 em Cuba.

às constituições cubanas.

Agora, estou à espera “dos dinheiros” para transcrever as intervenções e usá-las para fazer um livro que eu acho que é necessário, porque se vamos lutar contra o racismo é preciso saber quais são as suas expressões e qual é a origem dessas expressões, porque em Cuba, e tenho a certeza de que no Brasil também, o problema do branqueamento da cor da pele é uma coisa delirante. E sabem o que é que eu encontrei a esse respeito? No primeiro código jurídico espanhol do século XIII, que se chama o Código das Partidas²⁷ - porque tem sete partes, na quarta parte, que regula as relações familiares dos diferentes grupos sociais, está legalmente reconhecido o processo de branqueamento. O que é o branqueamento [nesse Código]? Se um africano se une a um espanhol, e o espanhol a outro caucasiano..., na quinta geração de procriação, sempre com uma pessoa branca, essa pessoa nasce branca. É legalmente reconhecido como branco. Por outras palavras, o branqueamento não é apenas uma pretensão, uma construção, tem também este fundamento... Por quê? Porque Espanha tinha de resolver o problema do monte de árabes que tinha lá dentro, do monte de africanos que tinha lá dentro e dos judeus. Portanto, [pensam] “se eu tenho aqui uma massa de africanos do Norte e do Sul há oito séculos e isso impregnou a minha sociedade, tenho de resolver esse problema”.

Por exemplo, uma vez, quando estava lecionando na Universidade de Zaragoza e tive a sorte de ir a San Sebastián, quase ao lado dos Pirinéus, pude ver a unidade étnica daquilo que apreciamos como o caucasiano espanhol. Mas depois uns amigos me convidaram para ir a Sevilha e quando cheguei a Sevilha dei-me conta do que significou a presença dos árabes. A mesquita de Córdoba é algo monumental. Não se pode ocultar, está lá; mas também está no comportamento das pessoas, na tonalidade da cor da pele. Até então eu não entendia o problema de dizerem a Federico García Lorca, o poeta, que a sua pele era cor de azeitona. É uma daquelas coisas que se percebe quando se coloca no contexto. Isso faz parte do problema.

Outra parte do problema é que estudar o racismo é uma questão extremamente complexa em países cujas estruturas sociais foram construídas em torno dos eixos participação no trabalho e cor da pele. Penso que é complexo, em princípio, para todas as sociedades que foram construídas à volta da marca espanhola e portuguesa. Por quê? Porque a cor da pele é um fator de estratificação social. Número um: para aspirar a certos reconhecimentos sociais, é preciso ter uma tez que nos exclua da estigmatizada ascendência

27 O código das Sete Partidas, redigido no século XIII, no então Reino de Castilha, foi um documento considerado uma síntese de direitos que estabelecia normativas baseadas em pressupostos filosóficos, morais e teológicos da época. Dentre os temas, encontram-se o direito canônico e a função do legislador, o direito político, o direito da família, a administração da justiça, as tipificações dos crimes, a definição da cadeia sucessória, entre outros.

africana e escrava. A sociedade exige uma determinada aparência e uma origem social “civilizada e superior” e, evidentemente, ninguém quer ser excluído por causa da sua aparência. Não é interessante vangloriar-se da sua ascendência africana e escravizada, um comportamento derivado da política de quebra da autoestima. Por outras palavras, é preciso lutar para esconder qualquer antecedente que não seja considerado politicamente civilizada. Visto como politicamente correto.

É uma questão que está solidamente ancorada na subjetividade. Como é que se resolve a questão? Muito simples. Você pega as estratégias que criaram a ideia da inferioridade do africano e desenvolve, a longo prazo, uma enorme campanha cultural, sistemática e irrenunciável. Em Biologia, no ensino básico secundário, no Ensino Médio, temos de ensinar às crianças que existe uma Eva Mitocondrial, a nossa Mãe Universal, que todos viemos do mesmo tronco, que, como dizia o grande intelectual latino-americano Eduardo Galeano, não há problema nenhum se, no fim, todos viemos da África²⁸. Por outras palavras, temos de ensinar que a tez do indivíduo não está relacionada com a sua capacidade mental e intelectual, não, mas com o ambiente. Por outras palavras, o homem moveu-se, moveu-se, moveu-se... e teve de se adaptar às diferentes condições climáticas da Terra. E que, além disso, o comportamento dos descendentes de africanos tem a ver com a política inalterável de espoliação material e intelectual. A abolição legal da escravatura atirou o indivíduo anteriormente escravizado para um mundo em que não lhe estava reservado qualquer lugar na economia ou nos direitos civis.

Em outras palavras, o africano tinha de ter um nariz largo porque, num ambiente muito quente, precisava de uma grande capacidade de respiração. Precisava ter o cabelo para cima para que o ar pudesse passar e refrescar a cabeça. Porque o cabelo colado à cabeça mantém o calor e isso é bom para a Groenlândia, mas não para o clima africano. E assim por diante, assim por diante, assim por diante... Depois vem o problema da miscigenação, porque o homem deslocou-se para todos os cenários possíveis, mas também o deslocaram. Porque o tráfico de escravizados é um processo maciço de realocação de população e o europeu também foi realocado. E essa é a questão, porque há muita literatura no Caribe que mostra como o sujeito que vive na metrópole sente desprezo pelo sujeito da colônia, porque ele está “contaminado”; fala incorporando palavras devido ao seu contato com o africano e o nativo americano; fala, inclusive, uma língua *creole*... Bem, nós vivemos isso hoje. Um sujeito de um território anglófono, quando quer exprimir a sua competência intelectual, o faz na língua

28 GALEANO, Eduardo. Espejos: una historia casi universal. España, México, Argentina: Siglo XXI, 2008.

de Shakespeare; e os estadunidenses, vejam para a forma como falam em relação aos britânicos. A única coisa que temos de fazer é isso: desmontar esta ideologia que vem da Igreja, que vem das leis, que vem de toda a produção subjetiva do homem e que está ancorada na naturalização de uma linguagem racista e discriminatória.

Por último, o rechaço, a rejeição total ao conceito de racismo inverso. “Ah, eu sou negro, então eu sou racista com os brancos”. Não. O racismo é um recurso de poder, de exclusão, e como negro eu posso impedir que você entre no meu espaço no carnaval, que você entre no meu grupo, que você entre na minha casa, que você entre no meu rito religioso; mas eu não posso apagar você da televisão, da propaganda, das possibilidades de acesso ao poder. Você [branco] continuará conservando, segundo o padrão de beleza venerado, o poder de representação que me exclui e degrada.



Graciela Chailloux Laffita



Graciela Chailloux Laffita recebendo o livro *Racismo e luta de classes na América Latina: as veias abertas do capitalismo dependente*, da professora Cristiane Luiza Sabino de Souza, do IELA-UFSC.



Graciela Chailloux Laffita e o professor Paulo Gabriel Franco dos Santos. Arquivo pessoal.